



## **BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES DE GÊNERO QUANDO O ASSUNTO É BRINCAR**

Patrícia da Silva Ribeiro <sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A brincadeira é uma forma organizada de expressão, através dessa atividade as crianças representam o mundo que as cerca e as formas diferenciadas de olhar para esse mundo. É uma imitação da realidade, portanto, pode vir a refletir uma organização de papéis marcada na sociedade. Em se tratando da organização social dos gêneros, as mulheres são educadas para a maternidade, doçura, cuidado e educação. E quanto aos homens, são educados para a força, virilidade e aventura. Com isso, os brinquedos e as brincadeiras para meninas estimulam o desenvolvimento de habilidades manuais finas, de cuidados com os afazeres domésticos e a educação dos filhos. Enquanto brinquedos para meninos tendem a estimular a solução de problemas e o uso da força.

O tema ficou evidente para mim, pois tenho um filho de 2 anos e me preocupo com as práticas sexistas às quais ele é exposto, exemplos televisivos de como ele deve ser e se portar, os desejos introjetados de masculinidade padronizada também televisivamente e discursos parentais sobre a educação de um menino de verdade. Me deparo com brinquedos estereotipados em gênero e que definem o que é de menino e o que é de menina, em lojas de brinquedos infantis de pequeno e grande porte, diferenciando tanto em cores, como em funções, e habilidades a serem desenvolvidas específicas a cada gênero. Passou a me chamar a atenção pois, a primeira coisa que me perguntavam quando entrava em alguma dessas lojas era : - "É menino? Ou menina?" Como se esse fator fosse o único e importante determinante ao tipo de brinquedo que eu devia disponibilizar ao meu filho. E esse estigma, marca sócio-histórico e culturalmente construída, como norma está tão enraizado, que é facilmente reproduzido sem questionamentos. Mas, para brincar, independente de fator ou norma, o suficiente devia ser criança, permitir-se explorar todas as possibilidades de querer ser, uma vez que o brincar pode ser um ensaio da vida do imaginário à realidade.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF , patysilva\_19@hotmail.com



O que encontramos no comércio de brinquedos da indústria infantil são as definições do brinquedo que busque preparar a criança para a vida, o papel que deverá desempenhar na sociedade e, portanto, o que é esperado dela. Com isso as brincadeiras que envolvem os brinquedos demonstram o desejo dos adultos de criar e induzir o gênero, cativando preferências quanto a cores, o que fazer como meninas e meninos quando crianças, desenvolvendo atributos e habilidades do ser mulher e do ser homem que desempenharam na sociedade. O mesmo acontece, com as brincadeiras sem os brinquedos, como faz-de-conta, pique-pega, futebol, pular corda, casinha tendo delimitações do que é próprio de menina ou de menino, seja por características biológicas de sexo utilizadas como razão para se ter mais habilidade para uma brincadeira ou outra, ou pela insistência do sempre foi assim: meninos brincam disso e meninas daquilo, não se misturam.

Expostas as minhas motivações iniciais, esta pesquisa buscou responder às seguintes indagações: Qual o papel e influência exercida pela escola diante e durante as brincadeiras, na construção de identidades de gênero? Que concepções sobre gênero e sexualidade circulam e são produzidas nos momentos que envolvem brincadeiras dentro de uma escola de educação infantil? Como os posicionamentos tomados relativamente ao que é feminino e masculino, atinge a disponibilização de brinquedos para as crianças?

Para tanto, defini como objetivos, levantar quais são as percepções das crianças, e seus educadores sobre relações de gênero e sexualidade nas práticas corporais de brincadeiras. Compreender as manifestações da sexualidade das crianças com seus respectivos brinquedos, bem como a atuação dos adultos diante dessas manifestações.

## **METODOLOGIA**

A investigação foi realizada em uma escola pública de Juiz de Fora- Minas Gerais, através de trabalho de campo com observação de momentos em que as crianças interagem com brinquedos e participavam de momentos de brincadeiras. Foram produzidos registros, em caderno de campo, com anotações dos acontecimentos envolvendo as interações das crianças e das professoras nesses momentos.

Outra estratégia de investigação foi a realização de entrevistas com professoras e direção da escola, vislumbrando esclarecer como se dá a relação brincadeiras e gênero nas suas visões particulares e o reflexo que tomam no universo infantil a que têm acesso, sendo



realizadas pessoalmente e individualmente, mediante aceite de participação, sendo as conversas gravadas em áudio e transcritas.

Por questões éticas houve termo de consentimento assinado pela escola e pelas professoras em concordância com os elementos de trabalho da investigação, sendo mantida a anonimidade de todos os/as participantes da pesquisa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Gênero não é natural, e de nascença, mas sim criado socio culturalmente, como traz Pelúcio (2014). Portanto, gênero não decorre de sexo previamente estabelecido, não são sinônimos, sexo é percebido como uma questão relativa à biologia e assim, gênero é compreendido como uma construção social e histórica a partir do sexo. Entretanto, o sexo determinado em nascença é utilizado para a diferenciação dos papéis de cada um, caracterizando o gênero feminino e masculino. (FURLAN, MULLER, 2015; AUAD, 2006; CRUZ, SILVA, SOUZA, 2012).

Existe uma construção cultural específica do corpo masculino e do feminino, por meio de um processo social de controle aos desejos espontâneos da criança, buscando reforçar o aprendizado do tipicamente feminino e masculino. A criança vai sendo introduzida neste processo de introjeção e significação da cultura de gênero, o que leva a reflexões sobre o processo de socialização de gênero na infância. (FURLAN, MULLER, 2015; BARRETO, SILVESTRI, 2005; FINCO, 2015)

Esse processo, como traz Auad, reflete-se nos tipos de brincadeiras e brinquedos permitidos e disponibilizados para que as crianças aprendam a se comportar como verdadeiros meninos e meninas. Considerando-se o brincar como um meio de resignificação e reinterpretção legitimada socialmente, em que a brincadeira é compreendida como linguagem utilizada pelas crianças para se expressar e se comunicar durante a infância tendo grande importância para o seu desenvolvimento e o ato do brincar envolver um refazer constante, transformando a experiência em hábito. Não se habituando as crianças, enquanto brincam, a se tornarem socialmente o que se espera delas, a mulher ou o homem. (PEREIRA, OLIVEIRA, 2016; BARRETO, SILVESTRI, 2005)

Atuando enquanto imagem e símbolo na formação de cultura de gênero, entretanto, a categorização dos brinquedos são construções criadas por adultos. (FURLAN, MULLER, 2015) E como adultos, os/as professores/professoras, se deparam com preocupação ou estranhamento diante de meninos e meninas que demonstram comportamentos considerados



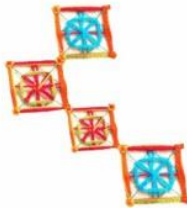
não adequados ao seu sexo durante as brincadeiras e outras atividades da Educação Infantil. A escola se institui como um dos principais ambientes de formação de meninos e meninas, instituindo o que se deve ou não fazer por meio de regras, espaços e tempo determinados. Como as relações de gênero estão imbricadas nas relações que os sujeitos estabelecem na sociedade, a escola se destaca na introdução de comportamentos adequados ou esperados de meninos e meninas são reforçados, às vezes inconscientemente, nos pequenos gestos e práticas do dia-a-dia na educação infantil.(PEREIRA, OLIVEIRA, 2016; FINCO, 2003)

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos levaram a três seções de análise, a primeira é a discussão sobre o lugar do brincar na prática pedagógica. As raízes da educação infantil mais escolarizada, em que os momentos de brincadeira ficam reduzidos à necessidade da ocupação de um horário vago, sem a significância ou importância de algo além de um passatempo, foram notadas no cotidiano da turma observada e no posicionamento das professoras. Confirma Wenez (2012), com resultado do seu estudo, que o gênero atravessa as próprias brincadeiras. Quando as professoras não refletem sobre sua influência nas relações dos meninos e meninas durante as brincadeiras, a sua prática pode favorecer o sexismo. Por vezes, as professoras são as pessoas que ajudam a incutir essa separação e diferenciação na educação das crianças. (FINCO, 2005; FURLLAN, MULLER, 2015) Fazendo com que as crianças, como exemplo observado na turma pesquisada, se organizassem em grupos distintos de meninos ou meninas.

A segunda análise, é acerca da influência da escola diante das brincadeiras e no ato de brincar. Em quase todas as cenas observadas, não houve intervenção ativa da escola, entretanto a passividade diante e durante as brincadeiras no que se refere a ótica de gênero, educação e sexualidade contribui para a perpetuação do modelo binário masculino-feminino. A naturalidade com que concepções sobre gênero e sexualidade circulam por ela, ainda que não produzidas diretamente nesse espaço, não é original das crianças também. Guacira Lopes Louro (2008, p.18), afirma que:

Nada há de puramente ‘natural’ e ‘dado’ em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura. [...] não é o momento do nascimento e da nomeação de um corpo como macho ou fêmea que faz deste sujeito masculino ou feminino.



Como dizem Furllan e Muller (2015, apud Wenez), parece haver certa segurança por parte de meninas e de meninos em relação à classificação das brincadeiras. As autoras afirmam que as crianças não duvidam de que é natural e normal algumas brincadeiras serem só para meninas e outras só para meninos, pois por estar naturalizado esse sentido, para algumas crianças não produz estranhamento.

Se a escola não atua com influência ativa em construções de identidade de gênero e a naturalidade de escolhas das brincadeiras e agrupamentos não faz parte do seu processo educativo escolar, onde ocorre essa aprendizagem? Se as crianças já chegam à escola com noções construídas relacionadas à gênero, em que outro ambiente isso é propiciado? A escola conseguiria intervir nesse outro processo educativo que a atravessa?

Questões que levaram à terceira seção de análise, sobre os processos educativos que atravessam os escolares. Verificou-se que os processos educativos que ocorrem fora da escola perpassam o ambiente escolar, as questões de gênero vão aparecer e surgir no processo escolar. E a atitude passiva de não trabalhar o tema, não faz com que ele fique do lado de fora do muro da escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presença de gênero na escola é inegável, mas, através do que foi observado em momentos de brincadeira, parecem existir barreiras quanto ao trabalhar gênero na educação infantil.

As possíveis barreiras levantadas nas pesquisas dos autores citados, bem como, nas entrevistas realizadas na minha pesquisa, abordam a falta de formação, preparo docente, a necessária reflexão de suas crenças religiosas próprias e como isso afeta a sua prática pedagógica no trato dessas questões. Da insegurança sentida pelos professores em abordar e trabalhar questões de gênero e sexualidade, pois não existe preparo específico para determinada situação que venha acontecer, e pelos desdobramentos de suas ações diante das representações que a família tem do tema.

Entretanto, existe o vislumbre de que o caminho a ser tomado é o contínuo exercício de desconstrução de si mesmo, de preconceitos, discriminações e abertura para diálogo em conjunto para que os professores tenham uma rede de suporte entre eles para pensar as suas ações possíveis para trabalhar o tema da melhor forma com e para as crianças. Possibilitando



oportunidades de acesso às várias dimensões da cultura infantil, e que a criança seja ela, se sinta à vontade na escola, acolhida, participando e estando feliz.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Gênero, Brincadeiras.

## REFERÊNCIAS

AUAD, D. **Educar meninas e meninos : relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 2006.

BARRETO, F.O.; SILVESTRI, M. L. Relações dialógicas interculturais: brinquedos e gênero. **28ª Reunião da Anped.** GE : gênero, sexualidade e educação, n.23, 2005.

CRUZ, L. M.; SILVA, Z. G. SOUZA, M. L. O brinquedo e a produção do gênero na educação infantil : uma análise pós estruturalista. **Anais, Seminário nacional de educação, diversidade sexual e direitos humanos.** 2012.

FINCO, D. Educação Infantil, gênero e brincadeiras : das naturalidades às transgressões. **28ª Reunião Anual da Anped.**GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos. 2005.

\_\_\_\_\_. Questões de gênero na educação da pequena infância brasileira. **Studi sulla Formazione/Open Journal of Education,** 2015.

\_\_\_\_\_. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pró-Posições,** vol.14, n.42, pp.89-102, 2003.

FURLAN, C. C.; MULLER, V. R. O brincar e as relações de gênero: reflexões de crianças e docentes. **Santa Maria,** v. 40, n. 3 , p. 711-722, 2015.

PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus,** v.1, n.1, p. 68-91, 2014.

PEREIRA, A. S.; OLIVEIRA, E. L. M. B. Brincadeiras de meninos e meninas: cenas de gênero na educação infantil. **Reflexão e Ação,** Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 273-288, 2016.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições,** vol.19, n.2, pp.19-23, 2008.

WENETZ, I. Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar. **Cad. CEDES [online]** ,vol.32, n.87, pp.199-210, 2012.